

ARNALDO SANTOS: MARGENS E IDENTIDADES E A BIBLIOTECA DE LITERATURA ANGOLANA

Aline Van Der Schmidt¹
Maria de Fátima Maia Ribeiro²

Resumo: *A pesquisa intitulada Permanecer entre margens de “Oropa”, África e Brasil vivendo na Bahia é financiada pela FAPESB e está vinculada ao projeto Permanecer da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O corpus da pesquisa é a Biblioteca de Literatura Angolana (2004) e Cadernos Negros (Br). Neste momento, enfoca-se o romance de Arnaldo Santos A Casa Velha das Margens, que integra a Biblioteca. Através do conflito existencial vivenciado pelo personagem principal, filho de pai português e mãe africana, acerca de qual seria o seu lugar de pertencimento, surgem questões como a das “margens”, o “entre-lugar” e “não-lugar”. Tal personagem percorre as margens do rio em busca de uma identidade que não se mostra una, mas plural, sendo construída e reconstruída ao longo da narrativa. São esses aspectos que este trabalho visa explicar.*

Palavras-chave: Arnaldo Santos; Biblioteca de Literatura Angolana; Identidades

Because I, a mestiza,
Continually walk out of one culture
And into another;
Because I am in all cultures at the same time,
Alma entre dos mundos, tres, cuatro,
Me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
Simultaneamente.
(ANZALDÚA, apud FIGUEIREDO, p.132 – grifos da autora).

O romance *A casa velha das margens*, do escritor angolano Arnaldo Santos, conta a história de Emídio Mendonça, “filho de duas margens”. De um lado temos seu pai, o Ngana Makanda, branco, português e chefe do conselho da região de Massangano. De outro, temos Kissama, sua mãe, uma “filha da terra” que se recusa a falar português e a obedecer aos costumes lusitanos. Apesar de saber a língua do colonizador, Kissama usa a sua língua e, ao mesmo tempo, o silêncio, como uma forma de resistência. Kissama, que recebeu do companheiro europeu o mesmo nome da terra em que ela vivia, Quissama - a “terra do Brandão Acesso”, simboliza a resistência da terra ante o colonizador. Nesse romance, a imagem da terra e da mulher se misturam, se confundem e ambas resistem. Para mostrar o quanto há de diferença cultural e de enfrentamento na relação entre os pais de Emídio, retomo o jogo entre a ação do homem e o silêncio da mulher numa cena de alcova:

¹ Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, vinculada ao Projeto de Pesquisa Literatura Angolana. alinessa@globocom.com.

² Orientadora, Professora do Curso de Letras Vernáculas da UFBA. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Literatura Angolana. fatimari@ufba.br.

Um desejo qualquer, outro mais intenso que a simples posse, agitava seu pai entre as pernas entreabertas da Kissama. Ele procurava cumprir naquele acto algo que só agora conseguia descortinar. Não era pois simples vontade de mulher, o seu desfrute no gozo pacífico do umbundo, que ele experimentava naquela descontrolada ânsia de penetração cada vez mais funda; ele tentava a sujeição daquele corpo, submeter, domesticar, e era firme a maneira como Kissama resistia, consentindo passivamente. Espantava-lhe recordar como era possível tamanho silêncio, num acto praticado com tanto furor, e nem sequer a ideia da sua presença próxima era aceitável. (SANTOS, 2004, p.147).

A passagem evidencia a relação de conflito e enfrentamento entre os pais de Emídio, simbologia da ação do colonizador impondo sua força, tentando a dominação e submissão daquele povo e daquela terra, e “os filhos da terra”, os africanos, tentando resistir a essa força. Esse conflito entre as duas “margens” da situação da personagem reflete seu conflito interior, apesar de ele comungar das duas partes, no entanto, não se fixa a nenhuma, está em um terceiro lugar.

Emídio retorna de seus estudos em Portugal para Angola para receber a herança que seu pai havia deixado por morte. A expectativa da personagem era de uma grande herança material, o que o faz provocar gastos desmedidos sem lastro real. Emídio permanece em Luanda postergando o seu retorno a sua terra natal, após sofrer um atentado contra a sua vida, ele retorna a Massangano. Lá, se descobre herdeiro de uma casa velha e em ruínas, destruída pelo incêndio criminoso que causou a morte de seu pai, toma conhecimento da morte de sua mãe, o casamento forçado de seu irmã e a perda do paradeiro de seu amigo de infância, Domingos. Todos esses acontecimentos o fazem questionar o seu lugar no mundo, pois sendo agora um “pardo órfão das margens” desprovido de grandes recursos financeiros, percebe a sua inadequação com os dois lados de suas raízes, pois é visto como subalterno pelos portugueses e como colonizador pelos africanos. A queima da casa passa a ser uma simbologia de um novo começo, pois a perda simbólica de suas raízes leva-o a ficar em conflito em relação a sua configuração de identidades. Emídio passa, então, a percorrer as margens de um rio em busca de sua identidade, em busca da “margem” a que pertence naquele mundo:

Emído Mendonça sentia-se mergulhado num pesado aturdimiento, estava sozinho nas margens, qual delas seria a sua? A lembrança tumultuosa de todos aqueles acontecimentos enigmáticos excomungavam-lhe de qualquer coisa. Sentia-se subitamente enlevado para uma outra margem que não era essa do terreiro onde ele balançava as pernas sobre um tronco oco, sentia-se enlevado para uma outra margem que também não era a do outro lado do rio cujas árvores e quissassas ele lhes via dali; era a mesma margem do terreiro, ao mesmo tempo que era a outra, uma terceira-margem do rio na qual ele se queria refugiar em pensamento. (SANTOS, 2004, p.113, 114)

Como a própria personagem se posiciona, ele não está de nenhum lado do rio, está na “terceira-margem”. Isto nos faz pensar na necessidade de escolher e decidir por um caminho que supere dualidades. Essa “terceira margem” não seria simplesmente um terceiro termo, mas um “entre-lugar” que engloba e ao mesmo tempo ultrapassa o binarismo, não a simples escolha de uma das “margens”, mas o estar no rio. Para Guimarães Rosa, no conto “A terceira margem do rio”, a simbologia dessa “terceira margem” estaria mais além do que a proposta por Arnaldo Santos. Para Guimarães o “entre-lugar” seria estar no rio dentro de uma canoa, sem pertencer às margens, sem pertencer ao rio, ou seja, o ser em estado constante de suspensão, o “entre-lugar” seria a morte.

O caráter híbrido de identidades apresentado no romance “A casa velha das margens” nos lembra outro angolano, o escritor Manuel Rui, em texto apresentado no painel – Literatura e Identidade – no simpósio Correntes D’escritas em 2002; segundo ele “É preciso respeitar o direito à identidade plural”. (RUI, 2002, p.2). Manuel Rui não admite a “terceira-margem” mas defende o direito a identidade plural, a alternância entre as várias identidades do indivíduo sem necessariamente ocorrer a sua mescla. Essa alternância é marcada no trecho “não ponhas o meu nome traço Portugal mas Portugal barra Moçambique” (RUI, 2002, p.2). Para ele existe uma diferença no uso do termo “barra” em oposição ao “traço”, pois o primeiro pressupõe uma alternância enquanto que o segundo soma. O termo “barra”, no entanto, não se refere a uma “dupla nacionalidade”, ou dupla identidade, mas sim aos trânsitos em uma “identidade plural”:

E não se trata do tal ser dividido, repartido entre dois mundos mas do ser assumido na virtude da inocência lúcida comungando dos dois mundos, diferença sobre as diferenças entre duas identidades de aparente conflito.(RUI, 2002, p.2) .

Ressalto que, apesar de não comungarem das mesmas opiniões em relação as “terceiras-margens”, tanto Manoel Rui como Arnaldo Santos defendem o direito a identidades plurais. Conforme discute a ensaísta Graciela Ortiz, em “Conceitos de Literatura e Cultura”, essa pluralidade não consiste na simples mescla, na mestiçagem, pois este termo imbrica um encontro harmonioso entre as duas culturas, diferentemente da noção de hibridismo que pressupõe o choque, o enfrentamento entre diferentes culturas. Para Silviano Santiago, o híbrido é um lugar onde “a noção de unidade sofre reviravolta”, o ser uno é questionado e passa a ser visto como fragmentado, uma “abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização. Caminho percorrido ao inverso do percorrido pelos colonos”. (SANTIAGO, 1978, p.17,18). Para Silviano Santiago:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*, estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 1978, p.18).

Apesar do escritor estar se referindo à América Latina, o conceito pode dialogar com outros lugares como, neste caso, o romance angolano trabalhado. Segundo Santiago, a hibridização vai “pôr em cheque” as velhas noções de unidade e pureza e conseqüentemente vai questionar a idéia de superioridade cultural, e é essa perda da superioridade que ele aponta como única possibilidade para a descolonização. Em relação ao romance *A casa velha das margens*, a partir do momento em que Emídio Mendonça se percebe plural, ele muda, gradativamente, de postura. Antes, apresentava-se a imitar os costumes lusitanos como mostra de superioridade — a exemplo de ser carregado em “machilas”³ pelas ruas — com o desenrolar da narrativa, no entanto, ele passa a questionar os desmandos portugueses junto a essa suposta superioridade.

Segundo Núbia Jacques Hanciau no ensaio “Entre-Lugar”, em *Conceitos de Literatura e Cultura*:

³ Machila – (Kimb. Maxila) palanquim; cadeira suspensa de um bordão. (SANTOS, 2004, p. 385).

Uma terceira margem, um caminho do meio, consiste nesses procedimentos de deslocamento, de nomadismo, em que o projeto identitário possa nascer da tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância. (FIGUEIREDO, 2005, p129).

No caso da personagem, os trânsitos começam justamente com o seu desenraizamento, ocasionado pela fragmentação familiar e pelo misterioso incêndio que destruiu a casa velha. Emídio, sem a herança e o *status* europeu do pai, percebe-se apenas um “pardo órfão das margens”, sem conseguir se encaixar em nenhum lado delas, passa a percorrer solitariamente as margens de um rio em busca de seu lugar de pertencimento. Ele deixa a sua “alteridade fictícia” para assumir sua “verdadeira alteridade”, numa postura inversa ao ser assimilado pela colonização, sobre o qual Silviano se refere:

Dentro dessa perspectiva etnocêntrica, a experiência da colonização é basicamente uma operação narcísica, em que o *outro* é assimilado à imagem refletida do conquistador, confundido com ela, perdendo portanto a condição única da sua alteridade. Ou melhor: perde a sua verdadeira alteridade (a de ser outro, diferente) e ganha uma alteridade fictícia (a de ser a imagem refletida do europeu). (SANTIAGO, 1982, p.15 e 16)

A errância da personagem sob um prisma, pode ser vista como um auto-exílio, pois ao mesmo tempo em que é a busca da personagem pela sua identidade uma perdida, é também a descoberta de que essa concepção equívoca de identidade não poderá ser mais recuperada. Fato esse que se assemelha ao conceito dado por Said, no ensaio “Reflexões sobre o exílio”, quando ele define exílio como uma separação, um isolamento, que implica na “perda de algo deixado para trás para sempre” (SAID, 2003, p.46). Esse isolamento, no entanto, acaba quando a personagem encontra a misteriosa “Carta de Kinjinganu”⁴. Emídio, como segunda herança paterna, passa a ser o portador dessa “Carta” que consiste em um documento de fundação, o qual dá a posse da terra ocupada pelos portugueses para seus verdadeiros donos, os “povos das margens”, fato que será explorado mais adiante.

Retomando Hanciau:

[a terceira margem seria] um caminho do meio para superar a aporia fundamental encerrada pela questão identitária: afirmar-se e excluir o outro (ou seja, a afirmação das identidades passa pela negação das alteridades), ou desistir de se nomear e desaparecer. (FIGUEIREDO, 2005, p129).

Emídio deixa o enraizamento unilateral que tinha na margem européia, ao voltar de Portugal – que excluía a parte de si correspondente a herança materna – e posteriormente ao se fixar na “Casa Azul”, deixa também a errância que, por ser um local de constante desestabilização e por não se fixar em nada, pode vir a ser entendido como um “não-lugar”, condição esta problematizada por Arnaldo Santos: “Seria de sua condição natural, como de todos os pardos camucussos de cidade, ou cafusos, fazer de todos os lugares da terra sua eterna morada?” (SANTOS, 2004, p.233). Na perspectiva do “não-lugar” o híbrido poderia viver em todas as partes sem se fixar em lugar nenhum, o que ocasionaria a despolitização do termo “hibridismo”.

Essa é uma das problemáticas que o termo híbrido e as identidades fragmentadas encerram, pois ao romper com o dualismo e propor um ser global, sem fronteiras, pode se estar

⁴ Kinjinganu – (Kimb.) culto secreto. (SANTOS, 2004, p. 384).

simplesmente propondo “uma nova constituição do novo império econômico e político” (HARDT e NEGRI apud, FIGUEIREDO, 2005, p.185) em âmbito mundial, perdendo assim o seu caráter transgressor e se esvaziando de sentido, sendo necessária a criação de um novo termo que dê conta dessa questão. Conforme Coser afirma, aceita-se hoje que “o conceito de hibridismo só resgatará seu viés transgressor se ultrapassar questões apenas culturais e observar as bases eminentemente econômicas do momento contemporâneo” (FIGUEIREDO, 2005, p.185).

O híbrido necessita ser visto não apenas como um ser global, sem fronteiras, mas um ser que vai ultrapassar, romper as fronteiras transitórias, sem perder o seu “olhar político” (BENJAMIN apud SARLO, 1997, p.59) em relação às culturas e principalmente nas relações delas com a economia. Para Beatriz Sarlo, “olhar politicamente é pôr as dissidências no centro do foco” (SARLO, 2005, p.60) e “supõe descobrir as fissuras no consolidado” (SARLO, 2005, p.60).

São justamente as dissidências e o caráter transgressor que a personagem de Arnaldo Santos vai adotar ao se posicionar na “terceira margem”, ao se assumir até certo ponto como híbrido quando se define como um “filho do país” em oposição ao europeu, estrangeiro na terra, ou aos africanos que já estavam na África antes dos colonizadores, esses denominados “filhos da terra”. Caráter esse evidenciado no seu “exílio nas margens” e no posterior encontro da “herança de Ambaca”, a “Carta de Kinjinganu”. A “Carta”, encontrava-se entre as muitas cartas escritas pelo ambaquista – o mais-velho Malesu – que reuniam relatos das várias “macas” – confusões das margens, envolvendo novas, antigas e as que ainda estariam por vir. Tal carta, no entanto, se diferenciava das outras por ser uma carta de fundação das terras referentes aos territórios africanos, na qual continha os nomes dos verdadeiros donos da terra, antes de os portugueses se considerarem como tal.

[a] “Carta”, embora não fosse dirigida a ninguém, era um acto solene de fundação, testemunhado na solidão dos penhascos das Pedras Negras por um emaranhado de famílias, cujos apelidos se cruzavam entre si numa malha roxa de um cursivo rasgado, que cobria uma floresta cerrada de letras, unidas por caprichosos ornatos. Graças a sua redacção inconclusa, ela sugeria sentidos obscuros, e foram eles que, num impulso místico, levaram Emídio a guardá-la religiosamente, como se ela mesma fosse a escritura de uma sociedade secreta. (SANTOS, 2004, p. 345 e346)

Essa “Carta”, no entanto, possui uma interessante contradição, pois, apesar de ela poder ser considerada um ato de fundação primeiro, assim como evidencia o fragmento anterior, podendo ser tomada como documento africano de reivindicação, ela foi enviada justamente para o pai de Emídio, um branco, português, que ocupava um importante cargo na administração colonial de Massangano, um colonizador, portanto.

A “Carta de Kinjinganu” possuía, também, uma “aura” mística e misteriosa. Ela encerrava um pacto e um segredo, confirmados desde a sua descrição:

A “Carta” era um pergaminho de peles quentes ao tacto, e emanava dela o calor húmido das diferentes peles humanas que lhe compunham, parecia que a isso se tinham reduzido todos aqueles nomes que nela se perfilavam em legião. E eram esses nomes que ele lia, relia, já não com os olhos, mas com os dedos, estamos juntos, diziam-lhe os contactos que sempre se sentia obrigado por um estranho fascínio a continuar a fazer sem parança. (SANTOS, 2004, p.346).

Essa se tornou uma herança reclamada por diversas pessoas, as quais o protagonista reconhecia como seus herdeiros de direito, “os povos das margens”, enquanto vê a si mesmo como um mero portador, ou seja, mais uma vez mediador “entre-margens”. Esses herdeiros são marcados, no romance, dentro de ares mágicos, sendo o sobrenatural percebido como natural, uma vez que eles eram vistos por todas as pessoas, não só pelo protagonista, como vindos de tempos distantes. Herdeiros que em silêncio aguardavam o momento da revelação da “Carta”:

– Somos nós... Estamos aqui só à espera da nossa vez – pareciam dizer-lhe em pesado silêncio. – O nosso momento há-de chegar... Ele estava-nos reservado desde o princípio das coisas.... – Tinham-se transposto para um dos lados das margens, onde se assentavam passivos, embiocados, e nessas suas viagens não traziam na sua muhamba pessoal senão os seus apelidos, que desde os princípios dos casos se perfilavam nas antigas representações ao Nguvulu, nas públicas-formas, nos abaixo-assinados. (SANTOS, 2004, p.347).

Os herdeiros da “Carta” escolheram o seu lado da margem e atribuíam ao novo portador o mesmo lado. Postura essa que a personagem não assume de maneira exclusiva, apesar, de ele tomar para si a “verdade” expressa na “Carta”: “A ‘Carta de Kijingu’ que então receberia tinha passado a ser símbolo de sua nova fé, de cuja verdade ele não abjuraria, e teria sempre presente, embora não de maneira exclusiva.” (SANTOS, 2004, p 266). Além disso, Emídio, em regresso a Luanda, questiona-se sobre o que fazer com tal herança.

Cercado de uma atmosfera mágica, em plenas tensões políticas e econômicas entre os “pardos filhos do país” e os portugueses brancos de Luanda, Emídio Mendonça finalmente deixa a errância e se fixa na Casa Azul, uma casa velha a beira de um rio, assim como a casa de sua infância. A Casa era cercada de mistérios, misticismo e passado, sensação reforçada pela sua localização. Ela ficava entre o cemitério do Alto das Cruzes e o rio Kinaxixi, rio famoso na tradição popular por abrigar as kiandas, espíritos das águas. Na casa, também, cresce uma misteriosa árvore:

O terrível pau-de-muxixi era a própria memória viva da Casa Azul. Segundo o mais-velho Masunu, ele resistira sempre por uma causa estranhíssima:

– ‘Ele [a árvore] vive das vidas das pessoas que vão morando nessa Casa...’ – disse. O pau-de-muxixi alimentara-se das vidas que foram habitando aquela casa. Não interessava se essas vidas eram viciosas ou apenas desafortunadas. Ele falou que mesmo no tempo da grande mortandade dos doentes das bexigas doidas, o seu crescimento não parava mais. Dia a dia o pau-de-muxixi encorpava-se, atarracou, e se carregava de dor, que exsudava nos seus braços grossos em saliências resinosas, dando-se assim ele também muxixi-ia-maju em sua seiva para untar as feridas deixadas pelas bexigas doidas. (SANTOS, 2004, p.278)

A árvore, símbolo do sagrado nas tradições africanas, era – como diz Arnaldo Santos – a própria memória da Casa Azul. Seu nome lhe possibilita uma dupla simbologia: Muxixe, na língua Kimbundo, significa árvore cuja seiva serve para friccionar. Ao mesmo tempo em que a árvore se alimentava da vida das pessoas da casa, ela também lhes dava vida, lhes proporcionava a cura. A árvore que “parecia uma velha feiticeira imobilizada” foi a única, na Casa Azul, que sobreviveu ao decorrer do tempo e resistiu. E é justamente nesse pau-de-muxixi que Emídio Mendonça vai encontrar os sinais que procura na Casa, sinais esses que lhe ajudam a compreender a situação e a si mesmo. Assim como o “pau-de-muxixi”, ele vai resistir.

Emídio, apesar de comungar com o segredo da “Carta”, não chega a escolher um dos lados das margens, mas utiliza-se de ambos lados para resistir. Ele vai assumir a sua postura como um “filho do país” e através do trânsito pelas “margens”, tanto pelo lado dos portugueses quanto pelo lado dos “filhos da terra”, irá defender os direitos e interesses de Angola, sentida agora como pátria. A personagem deixa sua visão ingênua do começo da narrativa e passa a adotar um posicionamento crítico em relação aos acontecimentos, como no trecho abaixo:

Emídio também acreditava que a sentença que condenara Luís Bastos não tivera outro propósito senão humilhar os filhos do país. Aliás todos os moradores europeus pareciam congratular-se com ela [...]. Emídio não lhe daria o prazer de reconhecer que dessa vez eles se sentiam verdadeiramente em perigo. O instinto dizia-lhe que eles tentavam querer roubar-lhe mais do que a liberdade.” (SANTOS, 2004, p.336).

Nesse fragmento a personagem questiona uma sentença aplicada a um renomado “filho do país” que, tentando defender os seus direitos, se impôs contra alguns portugueses, sendo por isso condenado a servir como carregador de “machilas”, assim como “qualquer gentio” daquela terra oprimida. Esse episódio evidencia, na obra, as posturas européias na tentativa de afirmar o seu poder e a suposta superioridade, posturas essas que ressaltam as tensões vigentes entre os dois lados no período.

Na tentativa de impor resistência a essas posturas de dominação européia, e diante do fim da imprensa livre em Angola, Emídio vai tentar contrabandear para o exterior exemplares do jornal “O Futuro d’Angola”, de Arcélio Pompílio Pompeu de Carpo, que denunciava os desmandos dos portugueses para com os “filhos do país” e que por isso fora censurado. Ao mesmo tempo, Emídio assume a postura de um “mais-velho” e, como nos tempos passados, reúne a família em roda e passa a contar a história da “Carta”. Emídio transmite, assim, através das tradições orais, os segredos da “Carta de Kijinganu” e a história da espera dos “povos das margens”, angolanos e africanos.

Essa espera, no entanto, é criticada por Domingos. Esse personagem depois de vários encontros com Emídio, em místicos sonhos, onde aparecia assumindo forma de Mucongo – caçador – travando luta contra Emídio, os dois se reencontram fisicamente no final da narrativa. Domingos, um dos ouvintes da história contada por Emídio e conhecedor dos segredos da “Carta”, assume, como no sonho, uma postura mais enfática de resistência, a resistência armada. Para ele, “o sono tinha invadido as Margens, mas não era aquele sono provocado por doença de mosca [Tsétsé] que lhe assustava. Pensava na sonolência que avassalara os homens, que tinham cruzado os braços” (SANTOS, 2004, p.366). Sua posição evidencia-se na perspectiva de ação de constante vigilância e luta:

E, então, ele virou-se para Dino[filho de Emídio] que lhe olhava esperançado, explicando: –Os verdadeiros quinguris não precisam de procurar outras rizangas, cacimbas e riachos noutros lugares...Têm as suas próprias terras que eles defendem com seus guerreiros.... (SANTOS, 2004, p.366)

A “Carta” passa a ser vista como contraditória, pois, apesar de seu caráter reivindicatório, os seus herdeiros se limitavam a esperar: “Mesmo aquela ‘Carta de Kinjinganu’ do velho ambaquista Lourenço, ele hoje via com mais clareza, estava contaminada, trazia consigo a própria doença. Aquelas famílias iam ficar à espera até quando para decidirem a retornar as suas terras?” (SANTOS, 2004, p.366).

Emídio sai do “sono das margens” e se utiliza das armas das duas “margens”, a escrita e a oralidade, como forma de resistência. Através do trânsito entre as duas “margens” vai se posicionar na “terceira” e a partir dela ele vai defender uma “construção de nação”, a angolana. Ao se assumir como um “filho do país” a personagem defende um final onde todos se encontram em um “entre-lugar”:

Ele fora depositário da “Carta, porque talvez tivesse seguido o destino de seu pai, ou apenas porque a danação dos homens lhe tinham predestinado e atirado para esse lado incerto das Margens, onde, e ele começava sinceramente a acreditar nisso, todos, um dia, finalmente se encontrariam. (SANTOS, 2004, 367)

Essa postura defendida pelo escritor Arnaldo Santos, num final histórico mais que narrativo, se assemelha ao ensaísta Stelamaris Coser, no sentido de ambos defenderem um hibridismo como um lugar ocupado por todos.

A ênfase teórica nas culturas de fronteiras e/ou de grupos de imigrantes e nômades contemporâneos parece obliterar o reconhecimento de que, na verdade *todas* as sociedades são complexas e híbridas. O híbrido não está convenientemente circunscrito às margens, aos guetos de imigrantes, aos *barrios*, aos espaços alternativos, ou apenas aos dias atuais. Híbridos não são os *outros*: híbridos somos todos nós, são todas as culturas e todas as histórias. (FIGUEIREDO, 2005, p186)

Arnaldo Santos, no entanto, vai mais além, pois ele ressalta a dupla violência na imposição das margens sobre o híbrido e a resistência do híbrido contra as margens, para não ser absorvido por elas. Duplicidade também evidenciada no texto de Inocência Mata, com a citação em epígrafe de Bertold Brecht, “As Margens”:

Do rio que tudo arrasta se
diz que é violento
Mas ninguém diz violentas as
margens que o comprimem. (BRECHT, apud Mata, 2005, p. 12).

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Eurídice (org.) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

MATA, Inocência. Even Crusoe needs a Friday: os limites dos sentidos da dicotomia universal/local nas literaturas africanas. *Gragoatá*, Niterói, n 19, 2005. p.11-25.

RUI, Manuel. Correntes descritas - painel Lieteratura e identidade. *Comunicação*, Povia, 2002.

SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Sp, Cia das letras, 2003, p.46-60.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano *Uma literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.11-28.

SANTIAGO, Silviano. A pesar de dependente, universal. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. RJ: Paz e Terra, 1982. p 13-24.

SANTOS, Arnaldo. *A casa velha das margens*. Luanda: Maianga, 2004 (Biblioteca de Literatura angolana).

SARLO, Beatriz. Um olhar político – em defesa do partidarismo da arte. In: SARLO, Beatriz. *Paisagens intelectuais: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p.55-63.